

DIÁLOGO ENTRE ARTE E EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS E SABERES DENTRO DE SALA DE AULA

Erika Rayane Silva de Lima ¹

RESUMO

O presente artigo apresenta, sob uma perspectiva fenomenológica, a contribuição da Arte na formação educacional, por meio das linguagens artísticas: Dança, Teatro, Música e Artes Visuais. Partindo de experiências dialógicas de professores do ensino formal do fundamental, com o objetivo de refletir sobre práticas pedagógicas do ensino de Arte e ampliar as perspectivas para o processo de ensino e aprendizagem da disciplina, considerando sua potência formativa e interdisciplinar, por meio de uma educação plural, crítica e sensível. Estabelecendo relações entre Arte e outras áreas do conhecimento, bem como entre as próprias linguagens artísticas. A experiência docente é considerada como o fenômeno desta investigação, partindo de relatos da autora, além de outros professores de Arte. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Paulo Freire, Jorge Larrosa, Ana Mae Barbosa, Marilena Chauí, Maurice Merleau-Ponty, além de outros pesquisadores das áreas da Arte e Educação, bem como em documentos oficiais como a BNCC, LDB e os PCNs. Nesta pesquisa, compreende-se que uma abordagem dialógica no ensino da Arte promove aprendizagens mais significativas, na medida em que estabelece pontes entre diferentes saberes, amplia o repertório cultural dos estudantes e valoriza múltiplas formas de expressão e conhecimento para além da técnica, valorizando também a subjetividade dos alunos. Além disso, contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e capazes de estabelecer diálogo com diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Educação, Arte, Experiência, Fenomenologia, Diálogos.

INTRODUÇÃO

No contexto escolar atual, as quatro linguagens, Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, compõem o ensino de Arte, dialogando entre si e com outras áreas do conhecimento. Apesar de estarem vinculadas ao ensino de Arte como parte constituinte do componente curricular, ainda revelam desafios práticos, permanecendo uma problemática discutida por profissionais da área. Essa questão se pauta, sobretudo, no desafio enfrentado pelo professor formado em uma linguagem específica ao atuar como docente de Arte, abrangendo todas as linguagens.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba- UFPB e Mestra em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professora de Arte da rede privada da cidade de João Pessoa-PB. erikalima.pesquisadora@gmail.com.



Nesse cenário, este artigo busca apresentar reflexões e compreensões acerca do ensino de Arte e de suas linguagens no contexto escolar, reafirmando sua importância na formação de sujeitos criativos, críticos e reflexivos.

O estudo tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas do ensino de Arte, considerando sua potência formativa e interdisciplinar, por meio de uma educação plural, crítica e sensível. De forma específica, propõe estabelecer relações entre a Arte e outras áreas do conhecimento e entre as próprias linguagens artísticas, ampliar as perspectivas para o processo de ensino e aprendizagem da disciplina, compreender experiências docentes da área, analisar práticas dialógicas e refletir sobre as linguagens artísticas dentro desses contextos.

A fenomenologia foi a metodologia que orientou o desenvolvimento desta pesquisa, compreendendo a experiência docente como o fenômeno investigado, a partir de relatos da autora como professora de Arte. O estudo também se fundamenta em aportes teóricos de Paulo Freire, Jorge Larrosa, Ana Mae Barbosa, Marilena Chauí e Maurice Merleau-Ponty, entre outros pesquisadores das áreas de Arte e Educação, além dos documentos oficiais referentes ao ensino de Arte.

A partir dos desdobramentos desta investigação, compreende-se a importância da disciplina de Arte não apenas na formação acadêmica, mas, sobretudo, na formação humana dos indivíduos, enquanto sujeitos capazes de observar, interpretar e transformar seu entorno a partir de um olhar sensível e crítico. Refletimos, ainda, que é possível estabelecer relações dialógicas entre as diferentes linguagens artísticas no contexto escolar, contudo, tais práticas enfrentam desafios significativos, considerando as especificidades da formação docente diante das exigências dos contextos em que estão inseridos. Essa reflexão reforça a necessidade de discussões teóricas e ações práticas que promovam a Arte como área de conhecimento, considerando as especificidades de forma aprofundada das suas linguagens artísticas no contexto escolar.

Para tanto, o artigo organiza-se nas seguintes seções: Introdução, que apresenta a síntese do estudo; Metodologia, que detalha o processo de elaboração do artigo; Referencial Teórico, no qual se estabelece o diálogo com os autores e a discussão das reflexões acerca do ensino de Arte e sobre a experiência docente; e, por fim, as Considerações Finais, onde são apresentados os desdobramentos reflexivos desta pesquisa.



2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida metodologicamente por meio de um percurso fenomenológico, no qual a experiência constitui o eixo que estrutura todo o estudo. A pesquisadora Terezinha Nóbrega aponta:

Mas, ao mesmo tempo, a fenomenologia caracteriza-se como um relato do espaço, do tempo e do mundo vivido, configurando-se como campo da experiência e da facticidade do ser o mundo como enfatizarão Heidegger e Merleau-Ponty cada um à sua maneira. (NÓBREGA, 2016, p.28)

Nesse sentido, sob uma perspectiva fenomenológica, a experiência docente constitui o ponto de partida desta investigação, configurando-se como o próprio fenômeno estudado. Compreendemos, portanto, que o fenômeno é aquilo que se manifesta à consciência, conforme define Bicudo:

Fenômeno: é a palavra que diz da fenomenologia. Compreendendo e interpretando seu sentido e significado, o mundo da fenomenologia se mostra. Fenômeno vem da palavra grega *faínomenon* que deriva do verbo *faínestai* e significa o que se mostra, o que se manifesta, o que aparece. É o que se manifesta para uma consciência. (BICUDO, 1994, p.17)

O trajeto fenomenológico e a compreensão da abordagem metodológica partem do mundo vivido do pesquisador e da experiência do sujeito. Dessa forma, o pesquisador não está fora do fenômeno a ser investigado, ele faz parte do fenômeno.

Entender o fenômeno a partir do experienciado pelo sujeito é reconhecer que o conhecimento não é só a descrição do exterior, mas nasce da relação sensível entre o sujeito e o mundo. Como afirma Merleau-Ponty, “O mundo fenomenológico não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser; a filosofia não é o reflexo de uma verdade prévia mas, assim como a arte, é a realização de uma verdade.” (PONTY, 1999, p. 19). Com isso, compreendemos que a tanto a Arte quanto a pesquisa fenomenológica parte de uma dimensão experiencial, produzindo sentidos que emergem da vivência e da percepção.

As reflexões desenvolvidas nesta pesquisa não tiveram como propósito explicar o cenário da disciplina de Arte na atuação docente, mas descrever, de forma reflexiva, como o ensino de Arte se configura no contexto contemporâneo. A fenomenologia, nesse percurso, ofereceu o caminho metodológico que orientou o olhar investigativo, uma vez que, conforme apontam Martins, Boemer e Ferraz:

A fenomenologia tem a preocupação de descrever o fenômeno e não de explicá-lo, não se preocupando com o buscar relações causais. A preocupação será no sentido de mostrar, não em demonstrar, e a descrição prevê ou supõe



um rigor, pois, através da rigorosa descrição é que se pode chegar à essência do fenômeno (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p.141).

Para tanto, o trajeto fenomenológico seguiu suas etapas fundamentais. A primeira, o *époche* ou descrição, consistiu em anotações isentas de julgamentos prévios, registradas em diários de bordo a partir de conversas com outros professores de Arte, observações e práticas em sala de aula.

Em seguida, foi realizada a redução fenomenológica, etapa em que foram extraídas as unidades de significado, destacando-se os trechos das anotações que apresentavam maior relevância para a compreensão do fenômeno investigado.

Por fim, procedeu-se à interpretação dos dados produzidos durante a pesquisa, momento em que a autora, amparada por leituras de diversos teóricos da área, elaborou a compreensão final do fenômeno estudado.

Dessa forma, ao ser relacionada à prática docente nesta investigação, a fenomenologia possibilitou lançar luz sobre a compreensão do fenômeno, não com o intuito de definir uma prática estabelecida para o ensino de Arte, mas de refletir sobre as múltiplas possibilidades de ensinar Arte na escola por meio de suas diferentes linguagens, fortalecendo as discussões e reflexões propostas ao longo da pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Arte na formação educacional contemporânea

Pensar sobre a Arte no contexto contemporâneo, especialmente no espaço escolar, é um gesto urgente. Mais do que um componente curricular, a Arte constitui uma forma de conhecimento que transborda os limites da racionalidade e das convenções disciplinares, revelando-se como um espaço de sensibilidade, reflexão e experiência viva por meio de diferentes linguagens.

Historicamente, a valorização da Arte como forma de conhecimento tem raízes profundas. Como lembra a filósofa Marilena Chauí:

A valorização das artes como expressão do conhecimento encontra seu apogeu durante o Romantismo, quando a arte é concebida como “o órgão geral da Filosofia”, sob três aspectos diferentes: para alguns, a arte é a única via de acesso ao universal e ao absoluto; para outros, como Hegel, as artes são a primeira etapa da vida consciente do Espírito, preparando a religião e a Filosofia; e outros, enfim, a concebem como o único caminho para reatar o singular e o universal, o particular e o geral, pois, através da singularidade de uma obra artística, temos acesso ao significado universal de alguma realidade.



Essa última perspectiva é a que encontramos, por exemplo, no filósofo Martin Heidegger, para quem a obra de arte é desvelamento e desvendamento da verdade. (CHAUI, 2000, pp 413-414)

A partir desse pensamento, é possível relacionar, compreender e reforçar a dimensão filosófica e formativa da Arte em um contexto geral, que, ao se aproximar da experiência estética e existencial, revela-se como espaço de conhecimento para a compreensão da realidade e do mundo vivido, quanto para a constituição do sujeito como ser pensante.

O ensino da Arte no contexto escolar tem passado por diversas atualizações e modificações desde a LDB nº 4.024/61, nº 5.692/71 e nº 9.394/96, seguidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCNs) em vigor a partir de 1997 e, mais recentemente, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2018.

No cenário atual, a BNCC apresenta a Arte como componente curricular vinculado à área de Linguagens. Entretanto, o documento não aprofunda as especificidades das linguagens artísticas, reforçando, ainda que de forma velada, a polivalência que outrora marcou o ensino da disciplina. Conforme apontam os pesquisadores Bortolucci, Valenzola e Coletti:

Uma das maiores e significativas para o campo curricular foi a fixação da alteração do sexto parágrafo do artigo 26 da LDB 9394/96 em 23 de fevereiro de 2016 da câmara dos deputados, que modifica e define as diretrizes e bases da educação nacional, relativo ao ensino da Arte, conforme relata Peres (2017). A nota dispõe que as Artes Visuais, a Música, a Dança e o Teatro são linguagens de parte Curricular do Ensino da Arte, imposto nos vários níveis da educação básica que apresenta no parágrafo do artigo 26 da mencionada Lei. Porém, ainda que alcançado esse avanço da identificação das linguagens artísticas, o item curricular não é colocado com um próprio espaço de conhecimento da BNCC. No documento de cunho mais recente a Arte integra a Área de Linguagens, juntamente a Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física. Não se estabelecendo como campo epistemológico próprio e autônomo. (BORTOLUCCI; VALENZOLA; COLETTI, 2020, p. 102)

Na atualidade, as diferentes linguagens artísticas, Teatro, Dança, Artes Visuais e Música, contam com cursos de formação superior próprios, reconhecidos institucionalmente como áreas de formação no campo das Artes. Contudo, no ensino básico, o profissional atua como professor de Arte, sendo frequentemente levado a se desdobrar para contemplar as diferentes linguagens, muitas vezes sem o devido aprofundamento necessário.

Conforme está descrito na Base Nacional Comum Curricular:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem



de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e a reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a performance. (BRASIL, 2018, p. 197)

Embora a BNCC reconheça a importância do diálogo entre linguagens e da experiência sensível, há um descompasso entre o discurso e as condições efetivas de ensino no cenário educacional.

A superficialidade no ensino de cada linguagem pode ocorrer por diversos motivos, entre eles a carga horária, as demandas específicas de cada contexto escolar, a ausência de formação em determinadas linguagens artísticas, bem como a precarização de formação continuada para os professores e outras dificuldades inerentes à prática docente.

Diante desse cenário, retomamos a reflexão: estamos avançando ou retrocedendo? Considera-se que a segunda alternativa parece representar de forma mais precisa a realidade atual do ensino de Arte no Brasil.

3.2 Experiencia de sala de aula

Partindo da experiência docente, pela perspectiva fenomenológica, revela-se um espaço de compartilhamento, escuta e criação, no qual a reflexão sobre o ensinar e o aprender Arte é constantemente revisitada na prática cotidiana escolar.

Firmado no pensamento de Heidegger, Jorge Larrosa afirma: “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (LAROSSA, 2014, p. 28).

Nesse sentido, para que a experiência docente de fato aconteça, é preciso que ela nos toque de modo a impulsionar uma transformação constante, de nós mesmos, de nosso modo de ser e de nosso meio de atuação, de nosso mundo vivido.

Chauí aponta: “O que há de espantoso nas artes é que elas realizam o desvendamento do mundo recriando o mundo noutra dimensão e de tal maneira que a realidade não está aquém e nem na obra, mas é a própria obra de arte.” (CHAUÍ, 2000 p. 405). Assim, compreender o ensino de Arte a partir de um viés fenomenológico é reconhecer que cada experiência vivida em sala de aula pode ser entendido como



desvelamento do mundo, um encontro entre o sensível, o criativo e o humano em diálogo constante com o entorno.

O autor Jorge Larrosa menciona:

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência, não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LAROSSA, 2014, p. 32).

A Arte, no contexto escolar, possibilita a construção de múltiplas experiências compartilhadas, ainda que de natureza individual e particular. Mesmo quando vivida coletivamente, cada experiência artística é percebida e significada de forma singular por cada sujeito.

A partir do mundo vivido da autora, observa-se que o ensino de Arte se configura como um espaço de diálogo entre sensibilidades e saberes diversos. Os encontros entre as diferentes linguagens artísticas manifestam em variadas práticas pedagógicas, atuando como mediadores de descobertas e de potencialidades criativas presentes em cada estudante.

A Dança dialoga com as Artes Visuais em propostas que envolvem desenhar o próprio movimento ou criar gestos inspirados em uma pintura. A Música se aproxima das Artes Cênicas em jogos que exploram o ritmo e a percussão corporal. O Teatro e a Dança se entrelaçam em encenações e coreografias criadas a partir de histórias produzidas pelos alunos.

Essas e outras possibilidades emergem cotidianamente no ensino da disciplina de Arte, revelando o caráter integrador e formativo das linguagens artísticas no ambiente escolar. Ainda assim, o exercício do diálogo entre linguagens é desafiador, sobretudo diante de formações docentes específicas em apenas uma área. Essa questão, observada no cotidiano escolar, conduz a uma discussão necessária sobre os caminhos da formação e da prática pedagógica na disciplina de Arte.

Trabalhar a Arte no espaço escolar é envolver-se em descobertas e desafios dentro de um ambiente de transformação, experiência e formação humana que é a escola. O professor de Arte transita constantemente entre a criação artística e as demandas institucionais, entre o que é planejado e o que é experienciado.



A partir das observações e vivências em sala de aula, analisadas à luz da perspectiva fenomenológica, foram considerados o sentido e o significado das experiências artísticas vivenciadas pelos alunos e pela atuação docente.

Diversas atividades envolveram processos criativos nos quais os alunos do Ensino Fundamental II puderam articular teoria e prática por meio de projetos pedagógicos em diferentes temáticas: criação de espetáculo cênico, estudos sobre Arte Popular e produções de xilogravuras, cordéis, bonecos, criação de curta-metragem a partir de estudos sobre cinema, entre outras atividades que contemplaram as quatro linguagens artísticas. Dentro dessas propostas foram desenvolvidas atividades de pesquisas, planejamentos, produções, compartilhamentos, apresentações, discussões e reflexões.

Desenvolver diferentes atividades dentro da disciplina de Arte, de forma a estimular o desenvolvimento crítico e criativo dos alunos, apresenta diversas dificuldades, entre elas: o tempo, a estrutura, o reconhecimento da área e o engajamento dos estudantes. Embora o ensino tradicional de Arte tenha deixado de ser aplicado, ainda persiste a ideia de que a aula de Arte serve apenas para desenhar e relaxar. Trata-se de um trabalho contínuo do professor de Arte no sentido de promover a compreensão de que a Arte vai muito além disso.

A diversificação de recursos, a utilização de diferentes espaços da escola, o diálogo entre as áreas do conhecimento e o desenvolvimento de projetos pedagógicos são estratégias que podem contribuir para estimular essa mudança de pensamento, começando pela sala de aula, mas alcançando toda a comunidade escolar. Compreendendo que tais experiências revelam o caráter formativo e transdisciplinar da Arte.

Em paralelo a tudo isso, se faz necessário que o professor também busque atualização constante e reflexão da sua própria prática. A formação docente em Arte demanda não apenas o domínio técnico das linguagens artísticas, mas, sobretudo, uma postura investigativa e reflexiva diante da própria prática. Nesse sentido, Paulo Freire ressalta que:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 1996, p. 21).

Assim, a reflexão se torna eixo estruturante do fazer docente e da produção de saber pedagógico. É a partir da reflexão da nossa própria prática, que buscamos aprimorar



o ensino, ressignificar experiências e fortalecer a construção de uma educação mais crítica e transformadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desdobramentos reflexivos deste estudo evidenciaram a compreensão da importância do ensino da Arte no contexto escolar, configurando-o, sob um olhar fenomenológico, como um espaço de escuta, experiência e criação que vai além de técnicas e repetições. Desse modo, possibilita ao aluno se desenvolver como um sujeito crítico, sensível e criativo, alcançando o objetivo central deste estudo: refletir sobre as práticas pedagógicas do ensino de Arte, considerando sua potência formativa e transdisciplinar.

Foi considerado também, nesta pesquisa, a relação da Arte com outras áreas do conhecimento, bem como o diálogo entre as linguagens artísticas, Dança, Teatro, Música e Artes Visuais, compreendendo que a Arte vai além de um componente curricular centrado em si mesma. Ela ultrapassa barreiras, estabelecendo pontes entre diversas formas de saber, o que contribui diretamente para a formação integral do estudante no espaço escolar, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativos.

Entretanto, compreende-se que o cenário atual do ensino da Arte ainda apresenta diversos desafios que, com o passar do tempo, não foram sanados e trazem a sensação de retrocesso, sobretudo pela permanência velada da lógica polivalente. Essa condição fragiliza o aprofundamento e o reconhecimento da disciplina como área de conhecimento, bem como de suas linguagens como campos epistemológicos próprios dentro da escola. Tal realidade evidencia as dificuldades da prática docente, considerando as limitações da formação inicial em relação às exigências de algumas instituições, que demandam do professor o ensino de linguagens artísticas que não fizeram parte de sua formação.

Dessa maneira, reafirmando a necessidade de promoção de políticas, espaços de prática e programas de formação continuada fortalecendo o reconhecimento da Arte como uma área de conhecimento integrada e essencial no currículo escolar.

O cenário da Arte na escola, especialmente diante dos desafios evidenciados nesta pesquisa, aponta para a urgência de novos estudos que investiguem estratégias pedagógicas capazes de fortalecer o trabalho do professor de Arte, ampliando suas possibilidades de atuação e a efetividade do ensino artístico no contexto escolar contemporâneo.



Assim, sob essa perspectiva, as reflexões apresentadas buscam contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas no ensino de Arte, a partir das experiências analisadas pela autora. Compreendendo que a experiência docente é sempre singular, mas, ao ser compartilhada, torna-se um espaço de diálogo e troca que enriquece o fazer pedagógico coletivo.

Por fim, a docência em Arte se reafirma como um espaço de criação, diálogo e transformação do mundo vivido. Como afirma Paulo Freire:

Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. (FREIRE, 1996, p. 40)

Desse modo, reconhecendo que somos vozes potentes e atuantes, capazes de promover mudanças e avanços em nosso campo de atuação. Educar, afinal, é um ato político.

REFERÊNCIAS

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. p. 23-33.

BORTOLUCCI, A. B. F.; VALENZOLA, J.; COLETTI, C. M. N. **O ensino da Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. *Revista Eletrônica de Educação – RELEDUC*, Iturama, v. 3, n. 1, dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) ISBN 85-219-0243-3

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley. 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARTINS, J.; BOEMER, M.R.; FERRAZ, CA. **A fenomenología como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações**. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 24(1):139-147, abr. 1990.



MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos).

